

Cantinho dos bebês

MÃES
ADOLESCENTES
DO CENTRO
EDUCACIONAL 3
PASSAM A TER
UMA CRECHE
DO LADO DA
SALA DE AULA

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

Nehil Hamilton

“Cecererê-cecê...”
A música faz parte do jogo. É cantada rapidamente pelas duas alunas que batem a palma das mãos no ar, durante o rápido intervalo das aulas. Brincadeira típica de adolescentes e que Sandra Rodrigues, 19 anos, pôde participar ontem, por alguns instantes, sem a preocupação dos últimos meses. Carolina, a filha de 7 meses da aluna do 3º ano do 2º grau, dessa vez não estava ao lado, no carrinho de bebê.

O Centro Educacional 3, na Ceilândia Sul, arranhou uma forma criativa de presentear as mães-alunas. Desde ontem, está funcionando uma creche em tempo integral na própria escola. A sala, decorada com os personagens da Turma da Mônica e chamada de Centrinho 3, é o novo cantinho para os filhos das alunas. A idéia foi da própria diretoria, sensível ao desconforto que as mães adolescentes e as crianças vinham tendo na rotina escolar.

Nos três turnos da escola, há quase 200 alunas, entre 16 e 17 anos, que assistem às aulas com o carrinho de bebê do lado ou que não se concentram direito no que o professor ensina porque os pequenos correm pelo pátio. “A creche é uma maneira de ajudar essas alunas a não desistirem de estudar”, diz a diretora Edilene Pimenta, 32. “No turno da noite estava havendo muito desistência. Imagino que as crianças em casa pedem para os pais ficarem com elas.”

O Centro Educacional 3 é a maior escola do Distrito Federal em número de alunos — são 3.441 — e é a primeira da rede pública a ter uma creche para filhos de alunos. Quase 6% do total dos estudantes levam crianças para a sala de aula. São tantas, que ninguém mais estranha. Modificaram a rotina das aulas e ganharam a simpatia dos outros alunos e até dos professores. “Vão passando de mão em mão. Todo mundo quer pajear um pouco”, conta a diretora.

A criação da creche na escola teve apoio da Secretaria de Educação do Distrito Federal. “O problema de alunas adolescentes que engravidam é uma consequência da conjuntura social e está crescendo”, avalia José Murillo Figueiredo, assessor do Departamento de Inspeção do Ensino da Fundação Educacio-



“A creche é uma maneira de ajudar essas alunas a não desistirem de estudar”

Edilene Pimenta,
diretora do Centro Educacional 3

“Com a creche, vai ser melhor pra todo mundo. Minha filha não vai tirar a concentração de ninguém na sala”

Sandra Rodrigues,
19 anos, mãe de uma menina de 7 meses

“Foi um choque. Perdi um ano na escola”

Ana Cristina Bezerra do Nascimento,
17 anos, mãe de uma menina de um ano e quatro meses

nal. Ele tem razão, segundo o ginecologista José Domingues Junior, que coordena a Área Técnica de Atenção da Saúde do Adolescente e do Jovem no Ministério da Saúde.

“Nas regiões carentes, observa-se maior índice de gravidez precoce”, diz ele. Pesquisa feita em 1998, apontou que no Plano Piloto, o percentual de gravidez em adolescentes é inferior a 15%. No Setor O, na Ceilândia, o índice ficou acima de 30%. “A escola dá orientação, mas não é suficiente. Em casa, a família não conversa, não informa. No posto de saúde nem sempre há distribuição gratuita de camisinha ou pílula anticoncepcional”, explica o médico.

Pesquisa do Ministério da Saúde, com base no número de partos feitos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em 1999, revela que a gravidez de meninas de 10 a 19 anos aumentou 2,65% nos

últimos dois anos no Distrito Federal. Não há estatística recente que informe quantos alunos da rede pública de ensino no DF levam seus filhos para a sala de aula. Mas somente ano passado, 12.010 meninas de 10 a 19 anos tornaram-se mães no Distrito Federal.

As escolas da Ceilândia são apontadas como as mais problemáticas, quando o assunto é gravidez precoce. Por conta disso, mais duas — o Centro Educacional 2 e o Centro Educacional 9 — devem criar creches para evitar a evasão escolar das alunas grávidas ou com filhos pequenos. De acordo com a mesma pesquisa do Ministério da Saúde, cerca de 89% das meninas que engravidam no Brasil deixam de estudar.

PROJETO BUCHUDINHA

“Temos o Buchudinha, um projeto de conscientização e

prevenção da gravidez precoce. Mas, nas férias, parece que os adolescentes esquecem o que aprendem”, diz Antonio Wilson Venâncio, diretor do Centro Educacional 2 da Ceilândia. Os métodos contraceptivos não eram nenhum mistério para Ana Cristina Bezerra do Nascimento, 17 anos, a caçula entre as seis irmãs. “Foi um choque. Perdi um ano na escola”, diz a aluna do 2º ano do Centro Educacional 3, na Ceilândia, que na época só namorava.

Hoje ela é mãe de Ana Karolina, de um ano e quatro meses. Mais um das crianças que vão frequentar a creche da escola. Com o novo cantinho dos bebês, as mães não precisarão mais sair da sala de aula para trocar fralda ou fazer a mamadeira das crianças e terão mais tranquilidade na hora das provas. “As vezes, ficava difícil até escrever porque precisava ficar com

ela no colo”, conta Sandra Rodrigues, mãe de uma menina de 7 meses. “Com a creche, vai ser melhor pra todo mundo. Minha filha não vai tirar a concentração de ninguém na sala.”

O Centrinho 3 vai funcionar das 7h30 da manhã até a última aula do turno da noite. As babás serão alunas da própria escola e não vão ganhar nada por isso. “O aluno que quiser ajudar essas voluntárias, podem contribuir com R\$ 2, por semana. Mas se não tiver arrecadação, não tem pagamento.” Lindinalva Barbosa dos Anjos, 17 anos, sabe disso e não se importa. “Quero é ajudar essas mães”, diz a menina que desistiu do emprego de caixa em supermercado e não faz planos de engravidar tão cedo.

Crianças a partir de seis meses poderão ser deixadas com as alunas-babás. Uma orientadora educacional vai auxiliar nas ati-

vidades pedagógicas e a mãe de uma aluna, que é enfermeira, dará dicas de higienização. “Não acho que a creche será um estímulo à gravidez”, diz a diretora do Centro Educacional 3, Edilene Pimenta. “Temos trabalho de conscientização nas aulas de Religião e Biologia.”

No Distrito Federal, 25% das gestações são de adolescentes, segundo dados da Secretaria de Saúde. “A gravidez precoce tem a ver com os tempos modernos e a influência da mídia. Os adolescentes iniciam a atividade sexual cada vez mais cedo”, observa o médico José Domingues Junior. Foi a opção, por exemplo, de Kézia de Souza, 17 anos. A aluna da 1ª ano não quis nem terminar o 2º grau para engravidar. “Não deu para esperar. Meu marido e eu estávamos doidos para ter um bebê”, conta a adolescente, grávida de cinco meses. Os estudos ficam para depois.